

## HERÓI ESTRANGEIRO, PÍCARO HOSPITALEIRO: UMA LEITURA DESPRETENSIOSA D'O *HOBBIT*, DE J. R. R. TOLKIEN

Jennifer da Silva Gramiani Celeste\*

Transcorridos alguns poucos capítulos da obra de Tolkien (2020), originalmente idealizada como espaço de deleite imaginativo aos seus filhos, confesso ter me tornado grande admiradora do temor com ares de graça apresentado pelo protagonista da trama, Bilbo Bolseiro, um representante nato da linhagem dos acolhedores e corteses Hobbits: um teto seguro sobre sua cabeça, uma poltrona confortável e uma refeição saborosa são suficientes para deixar-lhe satisfeito – afinal, como não nos identificarmos com tal ser? Não é à toa que a repentina visita do mago Gandalf desestabiliza por completo a pacata rotina experienciada por esse personagem, o qual se vê por vezes sufocado não somente pela quantidade de anões<sup>1</sup> conduzida à sua toca, mas, sobretudo, devido à espetacular jornada que lhe aguardava ao intentar capturar o tesouro das garras de Smaug, o Dragão.

Discussões acaloradas, encontros inesperados e canções improvisadas assinalam o caminhar de Bilbo e seus companheiros rumo ao Capítulo IX, *Barris desabalados*. Nosso Hobbit, agora sob uma redoma na qual as circunstâncias da aventura não mais o paralisa em sua totalidade, vê-se impelido a salvar seus amigos anões, capturados pelo exército de elfos da floresta. Recordemo-nos de que Bilbo se safara da emboscada em virtude dos poderes a ele concedidos pelo anel outrora pertencente ao estranho Gollum, capacitando-lhe tornar-se invisível ao utilizá-lo. Aparentemente ambientado às mazelas subjacentes ao empreendimento de uma aventura, pois demonstra-nos ter compreendido as especificidades do *Mundo Especial* no qual agora exerce as ações (VOGLER, 2006), o destemido personagem infiltra-se nas muralhas do castelo élfico e rompe com a noção seguramente a ele atrelada quanto a um herói pertencente ao grupo daqueles conhecidos por serem “[...] pouco dispostos, cheios de dúvidas e hesitações, passivos, que precisam ser motivados ou empurrados por forças externas para se lançarem numa aventura [...]” (VOGLER, 2006, p. 57). Embora o retorno à sua zona de conforto seja veementemente colocado em debate em meio às ideias para resgatar seus amigos, vence a proatividade, constatando ele próprio de que “[...] se alguma providência era para ser tomada, teria de ser tomada pelo Sr. Bolseiro, sozinho e sem ajuda [...]” (TOLKIEN, 2020, p. 160).

Com um complexo plano de fuga em suas mãos envolvendo barris de vinhos e uma impetuosa descida pela trilha de águas constituída por correntezas dali próximas, o destemido Hobbit vai ao encontro de seus amigos a fim de angariar apoiadores à causa, surpreendendo-se com o parecer de Thorin Escudo-de-Carvalho: “[...] Gandalf falou a verdade, como de costume! Você se transforma num gatuno esplêndido, ao que parece, quando chega a hora. Tenho certeza de que todos estaremos para sempre a seu serviço, o que quer que aconteça [...]” (TOLKIEN, 2020, p. 163-164). Aturdido pela confiança demonstrada pelo líder do grupo, Bilbo descreve sua ideia e recebe auxílio dos amigos, muitos dos quais temerosos, para colocá-la em prática. Recorrente nessas aventuras se faz a faceta pícara assumida por nosso herói nada convencional. Por vezes, esse aspecto é melhor percebido em outros capítulos da história, mas também neste que analisamos podemos nos referenciar a um desses momentos cômicos apresentados a partir de claras notas de humor emitidas pelo narrador, especialmente quando nos descreve a frustrada tentativa de equilíbrio do personagem sobre os barris furtados: “[...] Bilbo subiu à tona de novo cuspiendo água e se agarrando à madeira feito um rato, mas, apesar de todos os seus esforços, não conseguia subir no barril. Toda vez que tentava, o negócio girava e o jogava lá embaixo de novo [...]” (TOLKIEN, 2020, p. 168). Por pouco não se afogara...

---

\* Doutora em Letras: Estudos Literários (2023) pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: djceceleste@gmail.com

É sobre a tênue linha entre ser e estar herói e pícaro, demasiadamente comum no que tange à constituição da persona, conforme atestara-nos Vogler (2006, p. 49) sobre os arquétipos não como papéis rígidos, “[...] mas como funções que eles desempenham temporariamente para obter certos efeitos numa história [...]”, que Bilbo transveste-se como equilibrista. Quem diria que essa fórmula deteria, então, tamanha eficácia?

Isso, pois, verificamos no Capítulo X, *Uma cálida acolhida*. O desenho proposto pelo narrador em relação à paisagem avistada pelo protagonista durante sua dura viagem sobre os barris condensa os diálogos entre espaço e tempo, reportando-nos à noção de *cronotopo artístico-literário* ou *ficcional* trazida ao saber por Bakhtin (2018, p. 12) em sua obra, acima de tudo quando elucida sobre a capacidade de integrarem-se, esses tais elementos narrativos, artisticamente visíveis no decorrer do registro predominantemente verbal, como é o caso do título literário em destaque – “[...] Grandes enchentes e chuvas tinham alimentado as águas que corriam para o leste; e tinham acontecido um ou dois terremotos [...]” (TOLKIEN, 2020, p. 173). Após percorrer um longo caminho, Bilbo e Thorin – o primeiro entre os anões resgatados –, abrem cada um dos barris a fim de libertarem os colegas. Agradecidos pelo salvamento, deixam com que o Hobbit sugira um local para partida, qual seja, a Cidade do Lago. Chegando lá, os anões se deparam com o governante da localidade. Assim, Thorin apresenta-se como Rei Sob a Montanha, e apesar de conquistar por seu carisma, alguns elfos presentes na cidade denunciam que ele e os companheiros eram ex-prisioneiros do Rei dos Elfos. Logo, em um primeiro momento, o Mestre da Cidade do Lago desconfia da real intenção dos anões, mas o tom de heroísmo e indignação imputado por Thorin ao seu discurso fora decerto suficiente para convencê-lo a respeito de suas então perspectivas: “[...] nem correntes nem barras podem impedir o retorno ao lar profetizado outrora [...]” (TOLKIEN, 2020, p. 178). Com a cidade em polvorosa frente à fatídica notícia de que os anões estariam de volta àquela terra, assim como prometido, o grupo de amigos fora, enfim, bem recepcionado.

O sentimento de contrariedade expresso por aqueles ali residentes é alicerçado na máxima de que “[...] a chegada de desconhecidos, de estrangeiros no seio de uma comunidade sempre significou para esta o perigo de ser atacada, pilhada ou reduzida aos recém-chegados [...]” (MANZI; TOUDOIRE-SURLAPIERRE, 2004, p. 796). Contudo, os anões não eram completos estranhos, mas seres que agora retornavam à terra que lhes pertencia desde temporalidades pretéritas, tal como celebrenemente anunciado por Thorin. Sob tal ótica, se não é o estrangeiro uma identidade, mas uma espécie de ponto de vista, caracterização ou identificação, conforme apontado pelos supramencionados estudiosos (2004, p. 800), compreendemos, enfim, porque fatalmente “[...] foram todos medicados e alimentados e abrigados e paparicados da maneira mais agradável e satisfatória [...]” (TOLKIEN, 2020, p. 178) – ainda que ao gestor da cidade não houvesse sido concedido um vasto arsenal de escolhas, haja vista a empolgação sem precedentes da população.

Nesse ínterim, aumentava o apreço dos anões por Bilbo Bolseiro, quem apesar das acolhidas não apenas na Cidade do Lago, mas também e principalmente no comboio de anões outrora apresentado por Gandalf, sentia-se infeliz, em conformidade ao relato do narrador logo ao término do capítulo em análise. A despeito do estado de ânimo do Hobbit, parcialmente justificado por Prince (2004, p. 859) quando diz acerca do perfil inerente a um personagem tal como o protagonista de Tolkien (2020) – “[...] para esses seres profundamente insociáveis, o instinto de propriedade e da reclusão corresponde a um instinto de conservação [...]. Para eles, tudo o que é outro lhe promete de alguma maneira uma alteração; por isso eles se previnem contra qualquer encontro [...]” –, é aqui que nos resguardamos para os próximos capítulos, reconhecendo o inesperado e o fantástico enquanto elementos *sine qua non* à jornada de aventuras que espera Bilbo.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. São Paulo: Editora 34, 2018.

MANZI, Joachim; TOUDOIRE-SURLAPIERRE, Frédérique. O desconhecido que bate à minha porta. *In: MONTANDON, Alain. O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: Senac, 2004.

PRINCE, Nathalie. A hostilidade posta em arte. *In: MONTANDON, Alain. O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: Senac, 2004.

TOLKIEN, J. R. R. *O Hobbit: ou lá e de volta outra vez*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.

VOGLER, Christopher. *A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

---

<sup>1</sup> Plural grafado de acordo com a tradução da edição resenhada, publicada em 2020.

**Data de submissão: 14/04/2023**

**Data de aceite: 18/09/2023**